

Marinha, a primeira das três Forças Armadas



A **Marinha do Brasil** tem sua origem ligada ao próprio nascimento do país. Em meio ao processo de independência, o governo tinha a necessidade de estender e consolidar sua autoridade sobre uma nação distribuída ao longo de uma extensa fronteira marítima. Os portugueses exerciam resistência armada nas províncias da Cisplatina, Bahia, Maranhão e Pará, e o domínio do litoral daria uma enorme vantagem ao império brasileiro, permitindo expulsar os portugueses, forçar o Norte a submeter-se, e colocar as diversas províncias sob a autoridade nacional, além de impedir a chegada de reforços de Lisboa. Assim, era necessário iniciar o processo de formação da Marinha Imperial, que de fato, teria um peso importante na conquista da independência.

Ainda no século XIX, outras intervenções importantes da Marinha Imperial foram durante a Guerra da Cisplatina, que resultaria na independência do Uruguai, separando-se do Brasil, a deposição de Oribe e Rosas, ditadores de Argentina e Uruguai, respectivamente, e ainda a participação na Guerra do Paraguai, decisiva para a vitória da Tríplice Aliança, da qual o Brasil fazia parte.

Com a proclamação da república, e consequente mudança de regime, a Marinha abandona a denominação "imperial", mas permanece como um núcleo bastante simpático à monarquia até as primeiras décadas do século XX. Centro de muitas tradições e práticas antigas, tanto para o bem quanto para o mal, esta força militar sofrerá uma gradual reforma a partir da chamada "Revolta da Chibata", de 27 de novembro de 1910, onde marinheiros se levantaram em protesto contra a antiga prática de chicotear os insubordinados, semelhante a práticas escravocratas.

Durante a Primeira Guerra Mundial o Brasil teve pouca participação, apoiando os aliados. Sua principal ação foi o envio de uma força naval para patrulhar a costa africana entre Dakar e Gibraltar. A operação resultou em tragédia, pois tripulações inteiras foram atacadas pela gripe espanhola, que fazia numerosas vítimas naquela região. A moléstia causou 176 vítimas mortais.

Na Segunda Guerra Mundial, a Marinha encontrava-se desprovida de recursos, tendo que lidar com os constantes ataques de submarinos alemães, que acabaram por afundar dezenas de embarcações brasileiras. Ao entrar na guerra, a principal tarefa brasileira foi a de garantir a proteção dos comboios que trafegavam entre Trinidad, no Caribe, e Florianópolis. Coube, ainda, à Marinha, a escolta do



transporte da FEB até Gibraltar e o patrulhamento oceânico contra os furadores de bloqueio, navios que traziam mercadorias do Oriente para a Alemanha.

Hoje, a força naval brasileira é bem equipada, no que tange à qualidade, desempenhando o papel reservado do Poder Naval em tempo de paz, funcionando como elemento dissuasor de conflitos, preservador da paz e segurança, respaldando a ação política do governo no campo das relações internacionais e mantendo-se atualizada, pronta a se expandir quando necessário.

A MARINHA DO BRASIL E O TELÉGRAFO SEM FIO

Texto publicado em 03 de Junho de 2008 *Laire José Giraud*

Poucos sabem que Marinha do Brasil foi a pioneira na transmissão de telégrafo sem fio no País. O legendário cruzador “Barroso” fez essa comunicação inédita nos dias 26 e 28 de setembro de 1905. Ele deixou a barra do Rio de Janeiro e transmitiu os sinais telegráficos para a famosa Ilha Fiscal, local onde aconteceu o último baile do Império, cinco dias antes da proclamação da República.

O cruzador Barroso, de 1895, passando pela Ponta da Praia na altura da Fortaleza da Barra Velha, em 1912. Cartão-postal raro. Acervo L.J.Giraud

O Barroso foi a belonave escolhida pela Marinha para receber a primeira estação de telégrafo sem fio do Brasil. O navio foi construído na Grã-Bretanha pelo estaleiro Armstrong Mitchell, media 100 metros de comprimento, deslocava 3.446 toneladas, e uma tripulação composta 307 homens. Foi comissionado em 1895.



O aparelho transmissor era da marca Telefunken, de fabricação alemã, e era considerado um dos melhores do mundo. Mas nem tudo isso foi suficiente para satisfazer os incrédulos. Eles diziam que era impossível enviar e receber mensagens sem fio.

Baía da Guanabara, o Barroso no início do século XX.

Navio escolhido pela Marinha do Brasil para fazer a primeira transmissão de telégrafo sem fio no País em 1905. Acervo: L.J.Giraud

Até depois desse grande sucesso, esses incrédulos chegaram a afirmar que houve entendimento prévio entre as partes, que sabiam antecipadamente o teor das mensagens enviadas. Os ímpios só acreditavam no telégrafo com fio, que já estava em uso já há alguns anos.

Além do pioneirismo na telegrafia sem fio, o Barroso participou de várias missões. Em 1900 conduziu o Presidente Campos Salles em visita oficial à Argentina, fizeram parte da escolta o encouraçado Riachuelo e o cruzador-torpedeiro Tamoyo. Em 1907 foi ao Oceano Pacífico para visita ao Chile. Participou em 1908 da famosa parada naval de Hampton Roads – Estados Unidos, onde desfilaram belonaves das principais nações



do mundo. Nesse mesmo ano teve a incumbência de trazer do Uruguai para o Brasil os restos mortais do seu patrono, Francisco Manuel Barroso da Silva, Barão do Amazonas (1804-1882). – Herói da Batalha Naval do Riachuelo, no dia 11 de junho de 1865.



O encouraçado Riachuelo, já com a nova configuração após ter substituído duas torres por um único mastro. Essa belonave que deu baixa em 1910 acompanhou o Barroso em visita à Argentina e Chile.

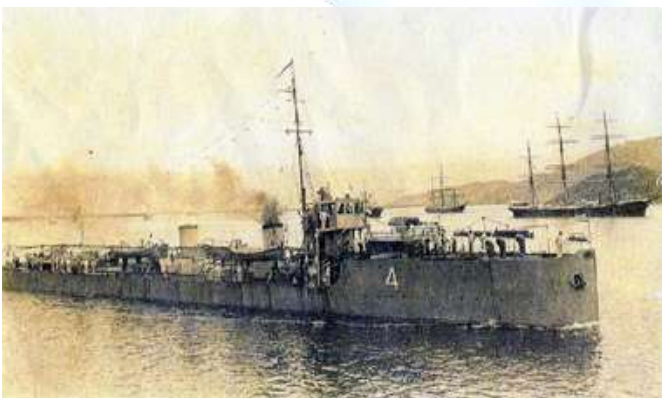
Em 1909 foi inaugurada a Escola de Aprendizes de Marinheiros de Santos. Vieram para a solenidade o Presidente da República Affonso Penna e o Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar, e o navio designado para trazê-los foi o Barroso. Em breve será comissionado o mais um navio a

ostentar esse nome, trata-se de uma corveta da classe Inhaúma, que já está em fase de acabamento, no Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro.

O Barroso esteve incontáveis vezes em Santo em viagens de instruções com aspirantes ou para participar de celebrações, deu baixa em 1931, após 36 anos de bons serviços prestados a Nação.

O cruzador-torpedeiro Tamoyo, construído na Alemanha e incorporado na Marinha em 1896. Media 86 metros de comprimento, e tinha uma tripulação de 155 homens. Acompanhou o Barroso nas viagens internacionais. Cartão-postal de 26/08/1904. Acervo: L.J.Giraud.

Parabéns à Marinha do Brasil por ter sido a percussora na utilização do telégrafo sem fio, naquele longínquo setembro de 1905.



O contratorpedeiro Rio Grande do Norte, construído na Grã-Bretanha em 1908. Aqui navegando no estuário de Santos por volta de 1919. Ao fundo a Ilha Barnabé. Esse navio participou da Primeira Guerra Mundial juntamente com outras belonaves integrantes da famosa Divisão Naval de Operações de Guerra da MB. Patrulhou a costa africana. Participou de missões ao lado do Barroso. Acervo: L.J.Giraud.

Entre várias autoridades, estiveram presentes na inauguração da Escola de Aprendizes de Marinheiros de Santos (hoje Museu de Pesca), o Presidente da República Affonso Penna, e o Ministro da Marinha Alexandrino de Alencar, que vieram a bordo do cruzador Barroso, 1909. Acervo: L.J.Giraud.

